



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14060 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

**TRAVESSIAS: AS FORMAÇÕES DE UMA MULHER INDÍGENA**

Selma Socorro Aguiar Caxias - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Leonardo Ferreira Peixoto - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**TRAVESSIAS: AS FORMAÇÕES DE UMA MULHER INDÍGENA**

## RESUMO

Este trabalho narra a travessia das formações de uma mulher indígena. O percurso é dividido em várias etapas em razão das constantes interrupções causadas, em grande parte, pelo atendimento às necessidades básicas de subsistência. Como mulher indígena da zona rural, da classe social pobre, a autora principal passou por dificuldades para ingressar na educação escolar e precisou de um longo tempo para chegar até a educação superior. Um caminho diferente de muitas mulheres, mas comum a tantas outras, indígenas e não indígenas. A pesquisa é desenvolvida na perspectiva dos estudos (auto)biográficos, onde a narrativa autobiográfica da autora principal é a porta de entrada para as questões centrais da pesquisa.

Consideramos ainda a produção de conhecimento no campo dos estudos com os cotidianos, sendo “narrar a vida e literaturizar a ciência” um dos movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos propostos por Nilda Alves e assumido pela autora.

**Palavras-chaves:** pesquisas com os cotidianos; pesquisa autobiográfica; mulher indígena; educação indígena; educação escolar indígena.

## Introdução

Apresento neste texto, a minha dor, a minha luta e a minha resistência, que representam o desejo duplo de se opor a um lugar social de “Outra” e de inventar outros modos de viver. Converso neste texto com duas perspectivas de resistências elaboradas por Grada Kilomba (2019): a resistência como oposição e como possibilidade de invenção. É importante, para as mulheres indígenas, inventar outros modos de viver.

Oposição e reinvenção tornam-se então dois processos complementares, pois a posição por si só não basta. Não se pode simplesmente se opor ao racismo ou machismo, já que espaço vazio, após alguém ter se oposto e resistido ‘ainda há a necessidade de tornar-se de fazer-se (de) novo’ (hooks, 1990, p. 15). Em outras palavras, há a necessidade de tornarmo-nos sujeitos. (KILOMBA, 2019, p. 28-29)

Segunda a autora: “de fato, transforma, pois aqui eu não sou ‘a Outra’, mas sim eu própria.” (KILOMBA, 2019, p.27) Sobretudo, deixo de ser objeto de pesquisa e passo a ser sujeito. Por ser sujeito, revisito a minha própria história das minhas formações, que eu considero ser: a do mundo do trabalho da roça, a da educação indígenas, e a educação escolar. Parto das minhas trajetórias de vida e formação individuais para compreender as singularidades que marcam as trajetórias de vida de tantas professoras indígenas da Amazônia brasileira. Problematizo, como questões epistemológicas: Como se dá a formação de uma professora indígena do povo Tukano na Amazônia? Quais processos formativos essa mulher indígena experencia? Quais os desafios e as resistências criativas forjadas por ela? Estas são as questões centrais e que constituem o problema desta pesquisa em andamento, que tem como objetivo principal colaborar com o entendimento do sinônimo de resistência do nascer e viver das mulheres indígenas e da busca criativa por formação e aperfeiçoamentos através da educação escolar.

## **Referencial Teórico-Metodológico**

Esta dissertação é produzida nas perspectivas das pesquisas (auto)biográficas e nas pesquisas com os cotidianos escolares. “Fazer ciência contando histórias nos desafia também a escrever para aqueles e aquelas que não são nossos tradicionais interlocutores do campo científico.” (ANDRADE, CALDAS & ALVES, 2019, p. 34)

Literaturizar a ciência se constitui, portanto, em um movimento de romper tanto com um sujeito anônimo de uma linguagem supostamente neutra, como de autorizações dadas para o falar ou escrever por alguém colocado em uma única posição. Nas pesquisas com os cotidianos reconhecemos que todos somos autores como ‘praticantespensantes’ de múltiplos e diversos cotidianos que surgem nas tantas redes educativas que formamos e nas quais somos formados. (ANDRADE, CALDAS & ALVES, 2019, p. 33)

Além disso, construo a composição da minha história com diálogo das perspectivas de resistências elaboradas por mulheres negras como de Grada Kilomba (2019), bell hooks, (2017) e Oyérónké Oyêwúmi (2021) e mulheres indígenas, como: Nelly Barbosa Duarte Dollis (2018), Francineia Bitencourt Fontes (2019).

## **Resultados e Discussões**

Os resultados e discussões apresentados neste texto se encontram em desenvolvimento. Trouxemos as narrativas autobiográficas da travessia de formação escolar, que subdividimos em dois momentos: O novo incentivo para ingresso escolar: relutante aceitação, impulso do meu espírito interior; As travessias acadêmicas no ensino fundamental, médio, técnico e superior.

### **O novo incentivo para ingresso escolar: relutante aceitação e impulso do meu espírito interior**

Quando a minha vida já estava consolidada com as formações do trabalho da roça e em avançado desenvolvimento na educação indígena, em um momento de venda de produtos da roça em uma esquina da rua da cidade, surgiu uma senhora para comprar tapioca e me convidou para trabalhar como babá. Eu aceitei e logo essa senhora me levou para casa dela. Assim, com 14 anos de idade, comecei a trabalhar como babá. Na casa dela, aprendi afazeres domésticos. A minha patroa perguntou: você não gostaria de estudar? Eu respondi: “A minha idade já se passou”. A minha patroa insistiu, dizendo: “Para estudar não tem idade, você é uma menina jovem”. Depois disso, ela me levou para participar nos encontros dos jovens da igreja. Lá, os palestrantes falavam para os adolescentes sobre a importância dos estudos. Procuravam nos mostrar que precisávamos buscar algo maior para nossas vidas. No início, não entendia a importância do estudo, pois, na minha infância, o não estudar era aceito como algo natural pelo meu pai. Me questionei várias vezes: afinal, para que serve o estudo para uma menina indígena que foi preparada desde criança para o trabalho da roça e saberes tradicionais? Embora o desafio proposto fosse enorme, a partir da necessidade de adquirir um lugar de autoafirmação de minha particularidade, e de minhas especificidades como sujeito-mulher-indígena – ser eu própria –, o esforço da minha espiritualidade estimulou a coragem para buscar um novo investimento na educação escolar. “Um esforço de espiritualidade”, como diz Lapoujade (2013, p. 64), em que “[...] a intuição é a ‘visão direta do espírito’.

## As travessias acadêmicas no ensino fundamental, médio, técnico e superior

O trabalho da roça e a migração estiveram ocupando o tempo da educação escolar, fato que contribuiu para que eu precisasse de um longo tempo para chegar à conclusão do ensino médio e de um longo tempo para chegar ao curso técnico e à faculdade. A formação escolar, ou seja, a mudança de perspectiva, se tornou importante e desafiadora. A busca da formação por meio da educação significava desafiar, significava ser diferente, significava inventar para existir, significava validar a minha voz, significava ganhar a vez da voz e respeito dentro da sociedade indígena e não indígenas. Precisava ocupar um lugar que não me pertencia, eu precisava resistir e lutar para ocupar esse lugar. Eu precisava romper com uma ideia que me paralisou e acomodou-me; eu precisava viver o “tempo da travessia”. Eu estava consciente da necessidade do recomeço de uma nova história. “Para nos aproximar da realidade vivenciada do racismo dentro desse contexto de descaso e objetificação, é necessária uma mudança de perspectiva, uma mudança chamada de perspectiva do sujeito” (KILOMBA, 2019, p. 74).

### Algumas considerações

O trabalho ainda se encontra em andamento, como autora, pesquisadora e produtora de conhecimentos, revisito a minha própria história, conto com tantas outras autoras da resistência que já cruzaram por esse mar de navegar em si mesma para poder criar caminhos e pontes que ajudem a outras pessoas. São essas mulheres do presente e mulheres ancestrais que navegam comigo e esperamos que esta viagem inspire e ofereça rotas e possibilidades para tantas outras mulheres indígena e não indígenas.

### REFERÊNCIAS

DOLLIS, Nelly Barbosa Duarte. *Nokê wevi revôsho shovima Awe*: “O que é transformado pelas pontas das nossas mãos.” **Campos**. V.19, N.1 jan. jun. 2018.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita**. IN: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.) *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FONTES, Francineia Bitencourt. *Minha escrevivência, experiências vividas e diálogo com as mulheres indígenas do Rio Negro – Amazonas/Brasil*. **Cadernos de campo** (São Paulo, online), vol.29, n.1, p.179 -186 USP, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAPOUJADE, David. **Potências do Tempo.** São Paulo: N-1 Edições, 2013.

OYEWÚMÍ, Oyérónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.